

GESTÃO DE CUSTOS SUSTENTÁVEIS: UMA ANÁLISE DA INTEGRAÇÃO ENTRE DESEMPENHO ECONÔMICO E RESPONSABILIDADE AMBIENTAL

RUBIELY MARTINS DE OLIVEIRA
MARCIA REGINA MASSIGNANI

Resumo

O crescimento exponencial da pressão por responsabilidade ambiental impõe um desafio operacional e estratégico crítico às organizações modernas, exigindo a revisão urgente de seus modelos de gestão. O problema de pesquisa fundamental que orienta este trabalho reside na questão: "Como as organizações podem integrar práticas sustentáveis em sua gestão de custos sem comprometer a competitividade econômica?". Historicamente, a sustentabilidade tem sido percebida no ambiente corporativo como um encargo financeiro ou um mero centro de custo. Contudo, este estudo propõe-se a refutar essa visão, demonstrando que a gestão de custos sustentáveis é, na realidade, uma poderosa alavanca para a eficiência operacional, a inovação e a criação de valor a longo prazo. O objetivo é fornecer um panorama prático e referenciado sobre como essa integração pode ser alcançada, focando especificamente na identificação de métodos de custeio capazes de tornar visível o real impacto ambiental e na avaliação dos benefícios econômicos diretos e indiretos resultantes da adoção de práticas ecologicamente responsáveis.

A crescente pressão por responsabilidade ambiental impõe um desafio operacional e estratégico crucial: como as organizações podem integrar práticas de sustentabilidade em sua gestão de custos sem comprometer a competitividade econômica. Este trabalho refuta a visão simplista da sustentabilidade como mero centro de custos, posicionando-a como uma alavanca estratégica para a eficiência operacional, a inovação e a maximização do valor no longo prazo.

O primeiro pilar metodológico do estudo é a quantificação do custo ambiental, superando a diluição de despesas como desperdício e tratamento de resíduos em custos indiretos. Para isso, são detalhadas duas abordagens:

O Custeio Baseado em Atividades (ABC) Ambiental adapta a lógica do ABC para rastrear os drivers de custos ambientais (ex.: consumo de água ou geração de efluentes), alocando-os diretamente às atividades e produtos que os originam. Essa alocação precisa permite identificar os itens de maior impacto financeiro-ambiental, orientando o redesenho de processos e a precificação estratégica.

A Contabilidade de Fluxo de Materiais (MFCA) trata o desperdício não como um subproduto inevitável, mas como um custo de ineficiência operacional. Seu cálculo é expandido, englobando não apenas a matéria-prima perdida, mas também a energia, mão de obra e depreciação dos equipamentos investidos para processar esse material descartado, o que revela o custo real e subestimado da ineficiência.

A adoção dessas práticas de gestão de custos sustentáveis gera um retorno estratégico em duas frentes: a eco-eficiência e o aumento do valor de mercado. No âmbito da eficiência, a Economia Circular e a Eficiência Energética garantem estabilidade no custo de insumos e reduzem o custo variável unitário, enquanto a Mitigação de Riscos previne multas e interrupções na produção, minimizando o Custo da Não Conformidade. No que tange ao valor, a performance ESG (Ambiental, Social e Governança) confere um diferencial no mercado financeiro. Empresas com alta performance ESG demonstram menor risco de longo prazo, facilitando o acesso ao Mercado de Finanças Verdes e a obtenção de capital com custo

de juros inferior. Além disso, a reputação de marca atrai o consumo consciente, permitindo a prática de um preço premium.

Os estudos de caso reforçam a viabilidade desta abordagem, como a implementação de reuso de água em circuito fechado que elimina custos de efluentes e a inovação de produto para eficiência energética que reduz o Custo Total de Propriedade (TCO) para o cliente, comprovando o ganho de competitividade.

CONCLUSÃO

O presente trabalho estabeleceu que a integração da sustentabilidade na gestão de custos não é um encargo financeiro ou uma obrigação periférica, mas sim um investimento estratégico fundamental para a competitividade e a longevidade empresarial. A superação da visão de que sustentabilidade é um centro de custo reside na adoção de metodologias de custeio modernas, como o Custeio Baseado em Atividades (ABC) Ambiental e a Contabilidade de Fluxo de Materiais (MFCA). Essas ferramentas são cruciais para quantificar, com precisão técnica, o custo real da ineficiência e do impacto ambiental, que são tradicionalmente diluídos e subestimados.

Os resultados demonstram que a gestão de custos sustentáveis gera retornos consistentes através da eco-eficiência (redução de custos operacionais e mitigação de riscos) e da valorização intangível (melhor acesso a capital via performance ESG e fortalecimento da marca). Em última análise, a capacidade de uma organização transformar a pressão ambiental em inovações de compensação — que reduzem o custo variável, melhoram a estabilidade da cadeia de suprimentos e atraem capital com menor custo de juros — é o fator decisivo para construir e sustentar uma vantagem competitiva duradoura.

Portanto, a conclusão categórica é que a Gestão de Custos Sustentáveis é o mecanismo pelo qual a responsabilidade ambiental se converte em desempenho econômico superior, posicionando a empresa como líder no mercado do século XXI. Resumo

Referências

HART, S. L.; MILSTEIN, M. B. Global sustainability and the creative destruction of industries. *Sloan Management Review*, v. 41, n. 1, p. 23-33, 1999. Acesso ao artigo

PORTER, M. E.; VAN DER LINDE, C. Toward a New Conception of the Environment-Competitiveness Relationship. *Journal of Economic Perspectives*, v. 9, n. 4, p. 97-118, 1995. Acesso ao artigo

SCHALTEGGER, S.; BURRITT, R. Corporate environmental management accounting: guiding corporate decisions for environmental and economic sustainability – twenty years after. *Sustainability Accounting, Management and Policy Journal*, v. 8, n. 3, p. 275-300, 2017. Acesso ao artigo

E-mails: marcia.massignani@unoesc.edu.br
martinteskeruby@gmail.com